



«VAMOS PRODUZIR
MAIS E MELHOR»

A VOZ DO LAVRADOR

EDITORIAL

A Carestia e a Guarda Republicana

Para destruir os modelos da agricultura que temos, (que segue segundo a vontade de quem a trabalha), pois os agricultores têm direito a trabalhar como quiserem e não como a lei Barreto quer, visto serem os Advogados e Doutores que a votaram na Assembleia da República, e não os agricultores que trabalham a terra, nem tão pouco fomos ouvidos, como manda a Constituição Portuguesa.

Dizemos para destruir a agricultura porque a lei Barreto prevê atingir a curto prazo os seguintes objectivos: no Sul do país, destruir as Unidades Colectivas de Produção e, no Norte e Centro, destruir os pequenos e médios agricultores para construir empresas rentáveis de agricultura, isto é, cada freguesia ser de meia dúzia de lavradores com casas de lavoura (isto no Norte),

(Continua na página 2)

CONTRA OS INTERESSES DOS AGRICULTORES OS ADUBOS FORAM AUMENTADOS 38%!

Pela Portaria n.º 548/78 de 14 de Setembro, publicada no Diário da República, os preços dos adubos foram aumentados em 38%.

A partir de agora temos de suportar encargos muito maiores, se queremos manter as produções actuais e ir sobrevivendo...

Entretanto tudo o que é indispensável para o nosso trabalho e para a lavoura TEM SUBIDO MUITO. Ultimamente as sementes dos cereais.

Apesar disso continuamos sem ter preços de garantia e devida-

mente actualizados para os nossos principais produtos agrícolas!

Nós agricultores temos consciência que não devemos diminuir as adubações, que é necessário sim aumentar a produção, mas

por este andar não resta outra alternativa a muitos de nós.

ESTE AUMENTO É CONTRA O PROGRESSO DA AGRICULTURA E A ECONOMIA DO PAÍS!

Jornalista do «Washington Post» entrevista o Director deste Jornal, em Carvalhas

No dia vinte e dois, pelas doze horas da manhã, parou um carro vermelho, no terreiro da explo-

ração agrícola familiar, (casa loureiro) em Carvalhas — Barcelos, que transportava um casal: Era um jornalista Americano!, pedindo uma entrevista.

JORNALISTA — O que é que o conduziu a fundar o jornal, e para quê?

— Foram vários os motivos, onde posso citar alguns: Existe na (Continua página na 3)

Trabalhadores do campo formam o seu Partido

P. L. P.



PARTIDO DA LAVOURA
PORTUGUESA

Reuniu em Barcelos, no dia 29 de Outubro, um grupo de agri-

Liga de Barcelos COMUNICADO

A Liga dos Agricultores de Barcelos comunica aos seus associados que no dia três de Dezembro, se realiza uma Assembleia Geral às 15 horas da tarde.

Ordem de trabalhos:

Eleição de nova direcção.

As listas concorrentes vão ser expostas na sua sede nos prazos legais.

cultores com a seguinte ordem de trabalhos:

Situação e evolução política nos próximos anos da lavoura portuguesa.

1 — Situação da lavoura... é grave, depois de profunda análise do ponto um, encontramos as causas desta situação, no absentismo.

Desde há centenas de anos que o absentismo reside na área do poder, senhores de quintas e grandes herdades: são doutores, advogados, professores, Oficiais-generais, Engenheiros, Comerciantes, Industriais, e uma certa gama de empregados, nobreza, etc.

Esta camada social absentista reside na cidade, ou com grandes ligações com ela fazendo-se representantes da lavoura nacional ilegalmente, fazendo leis a acautelarem a sua continuidade, açambar-

(Continua na pág. 2)

Em nome da lei...

Em nome da lei, a Guarda Nacional Republicana, ataca as Cooperativas do Sul enquanto os pequenos agricultores do norte aguardam a sua vez.

— «A Voz do Lavrador» enviou um telegrama ao Sr. Presidente da República, reparando que na lei de bases existe a entrega de reservas mas também existe a lei das expropriações.

TELEGRAMA

Presidente da República António Ramalho Eanes. Sugestão — R. Agrária, justa entrega de reservas paralela às expropriações faz-se uma por outra.

Director de A VOZ DO LAVRADOR

P. L. P. — Partido da Lavoura Portuguesa

(Continuado da pág. 1)

cando os dinheiros destinados à lavoura, dando-lhe outro destino e com isto mais, teimando ser, senhores da terra, que legitimamente só a nós nos pertence, e não só, deixando terras a brabo, degradando as casas de lavoura, tornando-as improdutivas, e finalmente, estamos na fase do confronto político, desde há cinco anos para cá, motivado pela instalação do absentismo nos maiores partidos políticos, e em alguns até bem pequenos — ...! e nesse campo político tem derrubado todos os ministérios da agricultura, e em seguida os governos, estando agora na fase do confronto jurídico, já a entrar no confronto físico. Resultado: a terra ligada ao absentismo não produz, e para se aguentar no poder recorre a importações de géneros maciços, este ano foram 50 milhões, dá cinco contos a cada habitante, só vem tudo para os agricultores caírem no desânimo, e na luta partidária, no confronto, atirando os agricultores uns contra os outros. Aonde existe o absentismo, não só há o degradamento da terra, como também a discriminação social, e sectária, entre o homem da cidade e do campo.

2 — Embolação nos próximos anos.

O absentismo vai continuar a derrubar todos os governos que não acautelarem os seus interesses; vai tentar o confronto físico e armado, os partidos no poder não vão ter força nem capacidade

para imporem leis absentistas porque os agricultores não as vão aceitar, o poder absentista vai recorrer à violência e vai-nos lançar na maior miséria de todos os tempos.

PRIMEIRO — vão faltar os alimentos, por açambarcamento do absentismo e senhores de dinheiro, por falta de produção motivada pela luta entre o absentismo e os lavradores, no meio disto há que contar com os maus anos disto ou daquilo, e finalmente o não haver dinheiro para comprar ao estrangeiro.

Depois disto tudo, o roubo e a impotência e finalmente a banca rota.

Depois desta análise e previsão os próximos anos foi ainda confirmado que a democracia não tinha um mínimo de culpa.

Como tem sido afirmado, no absentismo é que existe a culpa, o colonialismo manteve o absentismo alguns séculos, acabaram as colónias, e nós agricultores não os podemos manter. Vamos resistir.

Foi deliberado o seguinte.

1 — O grupo ali presente considerou a necessidade de os agricultores formarem uma associação política para que a lavoura não ande por mãos alheias, os 800 000 (oitocentos mil agricultores) deste país tenham a oportunidade de aderirem ao seu próprio partido, e fazerem a defesa dos seus próprios interesses, desalojarem o absentismo da zona do poder — reforçando a democracia política,

acabando duma vez para sempre com a muralha que divide a cidade rural e se abra o caminho do acesso ao poder, para que no poder local que já é nosso, na Assembleia da República com deputados agricultores honestos, e em todas as zonas de poder que possamos chegar, virar todo o auxílio, todo o desenvolvimento no sector rural, subir o nível de vida aos rurais para que a vida rural seja motivo de cobiça, e não de desprezo... são os motivos atrás mencionados que nos conduzem à formação do Partido da Lavoura Portuguesa, (que muito mais haveria para dizer).

2 — formou-se uma Comissão de Iniciativa, que vai ser alargada...

3 — Objectivos da Comissão de Iniciativa: realizar contactos pessoais e por escrito, iniciar a propaganda e formar a Comissão Nacional para o Partido da Lavoura Portuguesa.

4 — A Comissão Nacional, tem como tarefas, formar as comissões concelhias, as concelhias formar as de freguesia. Cada Comissão terá um mínimo de três membros, assim designados: COMISSÃO DISTRITAL que com o maior número de distritos forma a COMISSÃO NACIONAL; COMISSÕES DO CONCELHO E DE FREGUESIA:

A Comissão Nacional, tem como objectivo formar o Congresso para o Partido da Lavoura Portuguesa.

5 — O partido que pretendemos, não é um partido de intelectuais, os intelectuais só servirão o nosso partido aqueles que aceitarem estarem ao nosso serviço.

6 — Enquanto não se chegar à realização do Congresso o nosso distintivo será um arado de pau, e usaremos a sigla P. L. P — designadamente PARTIDO DA LAVOURA PORTUGUESA: Avenida da Liberdade, 48 Barcelos.

A Comissão de Iniciativa

Editorial

(Continuado da pág. 1)

que tenham, por exemplo, um mínimo de 50 vacas e um máximo sem limites. Para atingir esses objectivos faz-lhe a vida cara para atrofiar a nossa sobrevivência e, sei lá, já não temos dúvidas, neste andamento, qualquer dia vem a Guarda Republicana para o Norte tirar-nos as terras para entregar às tais empresas viáveis aos ricos, em nome da lei.

A REDACÇÃO

Noticiário

BRAGA

O Dirigente da União Distrital de Agricultores de Braga (Jesulino Loureiro) entrevistado no Rádio, afirmou que a nossa agricultura não tem condições para a entrada no Mercado Comum Europeu. Entre outras coisas atacou de novo os Doutores.

— Reuniu nesta cidade a UDA. A direcção ente outros assuntos de interesse para os Agricultores, nomeadamente seguros para a Agricultura, assuntos de casas do Povo e outros, foi tratado o assunto da sede e da intervenção da batata cuja Junta Nacional das Frutas não quer dar mais de 5\$20 o quilo, a UDA protestou e diligência para 5\$80 o quilo.

Em seguida, visitou a exposição cooperativa na feira Agro 78.

VILA DO CONDE

De vinte e sete cooperativas associadas à União, segundo a

(Continua na pág. 3)

Cartas à Redacção

Senhores agricultores e produtores de leite de Vila Nova de Famalicão:

Na Assembleia do dia 2 de Novembro, foram apresentados vários factos pelo sr. Engenheiro Lopes e na qual ele pedia para todos os produtores estarem de acordo que as salas de ordenha colectivas e postos de leite viessem a pertencer à Cooperativa de Leite de Famalicão e far-se-ia uma nova Assembleia com a Direcção da União das Cooperativas de Vila do Conde. Isso não está certo. É mais uma exploração que o sr. Engenheiro Lopes nos quer fazer. O arrastar as salas de ordenha para Famalicão é arrastar-mo-nos para a miséria. Vós bem no sabeis que ele tem em seu poder os retroactivos desde o dia 17 de Agosto, e, até ao dia 2 de Novembro ainda não foi pago quando todas as cooperativas que são na totalidade 27 e 26 é que pagaram, sendo Famalicão a única que o não fez, pois Vila do Conde pagou, junto com a quinzena de Julho. Por onde anda esse dinheiro dos produtores? Anda a ganho, ou a tapar portelos mal administrados?

Pois, esses amigos, se assim é que aquela Direcção administra bem, continuai que dentro em pouco ele faz o mesmo que fez na Caixa C. Agrícola Mútuo.

Senhores agricultores: é a altura de vós propordes uma nova direcção que saiba trabalhar a nível de todas as outras cooperativas, e só assim é que a nossa cooperativa poderá ser útil a todos.

'Quem canta os seus males espanta'

No último número demos notícia da inauguração da Igreja de Fradelos, e na panorâmica de identificação.

QUEM É FRADELOS

Lia-se a dado passo: «ainda há pouco tempo tinha outro rancho», rectificamos: tem outro rancho sem ser o da Casa do Povo, com o título (Rancho Regional de Fradelos). Mais adiante lia-se: «A música e o

cantar também servia para esconder muita miséria, muitos leitores interpretaram esta frase mal, e o autor queria dizer que cantavam e cantavam muitas e muitas vezes, sem trabalho e sem dinheiro para a fornada que muitas vezes, quando os filhos pediam pão eram mandados pedir humilhantemente e rezando o Pai Nosso, e seja pelas Almas.

A interpretação é política e não imoral.

Jornalista do «Washington Post» entrevista o Director de «A Voz do Lavrador», em Carvalhas

(Continuado da pág. 1)

sociedade Portuguesa, uma espécie de separatismo entre o campo e, a cidade, os Agricultores são tratados como um povo de classe baixa e verifica-se mais acentuadamente no absentista, fidalgo, da nobreza... classe esta que reside à volta do poder desde há centenas de anos. Essa classe é que representou, e ainda representa a lavoura na área do poder, vedando, aliás obstruindo, tudo o acesso aos pequenos e médios agricultores e cooperativas, nos rendeiros não é preciso falar. Portanto eles têm tudo nas mãos, tentam abafar-nos. Como está a ver, um jornal como este é nascido da lavoura, e um incentivo muito válido para desalojar o absentismo e libertarmos a verdadeira lavoura da humilhação e discriminação a que tem sido sujeita e levar o agricultor a descobrir que em democracia é um cidadão responsável e que deve fazer uso das suas responsabilidades, ao mesmo tempo dar informações, dar conselhos práticos, e dar ideias do que melhor convém para nós, e desmascarar irregularidades, que tanto prejudicam a lavoura Portuguesa.

JORNALISTA — A CAP, a CNA e as Uniões Distritais, mais conhecidas por UDAS, e as ligas e o MARNE, que me diz, destas organizações, a respeito da implantação.

LOUREIRO — O Sr. atira-me para uma situação bastante embaraçosa, mas vou tentar responder com o melhor que sei.

— A CAP, nasceu com o nome de ALA, mas por ter participado num contra-golpe teve de mudar de nome, e então apareceu com o nome de CAP. A sua implantação está concentrada em Rio Maior. Houve umas amostras em V. N. de Famalicão e Braga, mas mais em Famalicão, mas tanto

Noticiário

(Continuado da página 2)

União só existe problemas com a cooperativa leiteira de Vila Nova de Famalicão. Os problemas residem na irregular duração desta, sobre a direcção do Engenheiro Lopes, cujos pagamentos são feitos aos produtores em prestações, o mesmo dirigente também efectuou pagamentos da sua conta particular na Caixa de Crédito Agrícola M. com cheques da cooperativa, tudo leva a crer, que usa o dinheiro desta em proveito próprio.

num lado como no outro têm-se desfeito, são muito cupelistas e não confiam em ninguém, desconfiam de todos, tudo isto são sintomas do absentismo que defendem, enganando alguns pequenos agricultores, servindo-se destes para fazerem o ninho para o absentista e latifundiário, que segundo o PPD e CDS... as pequenas casas de lavoura não são rentáveis, muitos já descobriram que estão errados, pois quando se fala por exemplo só a partir de trinta vacas é que é rentável, já se sabe que querem acabar com as pequenas casas de lavoura, é a melhoria que a CAP quer dar à lavoura; por isso não tem grande implantação, nós até a combatemos. Nós entendemos que o agricultor tem direito a explorar a dimensão que quiser, isto é para baixo, para cima é preciso cuidado, senão às tantas um tem a terra toda e os outros não têm nada; nós temos provas de casas de lavoura com dois e três hectares e são rentáveis.

JORNALISTA — e a CONFEDERAÇÃO NACIONAL DE AGRICULTURA — CNA?

LOUREIRO — a CNA nasceu apoiada nas ligas, cooperativas, casas do povo e grupos de agricultores, portanto a irmos mais atrás, logo após o 25 de Abril, logo Ligas e creio eu que ainda se estão a fazer escrituras de ligas concelhias, estas associações são muitas, e cobre o território nacional quase todo, isto pelos conhecimentos que tenho, as ligas sentiram a necessidade de uma cupla e fizeram com um plenário em Coimbra, com quase 5 000 agricultores, portanto tem implantação.

JORNALISTA — e as UNIÕES DISTRITAIS DE AGRICULTORES têm reunido muita gente e sua implantação?

LOUREIRO — as UDAs estão numa fase mais atrasada, são mais novas, mas têm feito grandes plenários distritais, com milhares de agricultores, havia um vazio distrital, que fica ocupado. A implantação das UDAs como pode observar é boa, apareceram como independentes, creio com a ajuda das associações de Agricultura Europeias, ligadas à CEE—e assim criou, aliás, desalojou a CAP da EUROPA, que começou a aviar as malas, isto a nível do Mercado Comum. As UDAs também desferiram a nível nacional duros golpes na CAP.

JORNALISTA — e o MARNE?

LOUREIRO — Temos o MARNE... OMARNE no Porto,

assim como nasceu no Porto a Aliança das Ligas, que me parece que faz falta o lugar de Federação. Bom, o MARNE tem tido uma luta muito eficaz, com uma actuação contínua, em defesa dos direitos dos caseiros no campo jurídico e na zona de conflito, até aqui, tem sido o MARNE quem tem dado protecção aos caseiros, e creio não haver outra em condições de o fazer.

JORNALISTA — Dizem que o MARNE é do PCP...

LOUREIRO — Bom, por essa ordem de ideias, é uma de cada partido.

JORNALISTA — E dinheiro para essas organizações é o PCP que o dá?

LOUREIRO — Eu não sei o que vai nas economias dos partidos, mas essas organizações não são partidárias, e cotizam-se, ora com respeito ao partido dizem que fazem muitos sorteios, e feiras, deve ser para arranjar algum, além disso é um partido que os militantes dão dinheiro, eles até compram uma sede com o dinheiro dado por eles em Lisboa e outra em Braga, isto é o que eu ouço.

JORNALISTA — Já que falamos em partidos, parece-lhe próximas eleições, irá haver muitas abstenções?

LOUREIRO — Sim, vai haver muitas abstenções; muita gente vai ficar em casa, principalmente os rurais, e de um modo particular os agricultores, que procuraram os partidos existentes para verem

os seus problemas resolvidos, o que é certo é que, podemos corrê-los todos, que nunca encontramos... Agora se fizermos um partido da lavoura portuguesa, com agricultores a participar no poder, isto é, termos deputados na Assembleia da República, reivindicar o Ministério da Agricultura, etc... Só assim é que se resolverão de uma vez para sempre o problema nacional da agricultura, o que o fascismo não resolveu, que foi a origem da queda dos governos provisórios, e também dos constitucionais, e novamente provisórios; somos oitocentos mil agricultores, devemos construir o nosso partido.

JORNALISTA — Um Partido com António Barreto.

LOUREIRO — Não, nós não queremos um partido da cidade com intelectuais a dominar como são os outros, (o resultado está à vista), nós queremos um Partido de base com agricultores políticos e práticos, acreditamos sim os intelectuais ao nosso serviço. Nunca aceitaríamos tipos como António Barreto que está ao serviço do absentismo, absentismo esse que é a causa da nossa ruína, no tempo colonial, as colónias mantinham o absentismo quando se deu a independência às colónias, eles começaram logo aos gritos, já sabiam e sabem que os seus dias estão contados, não podem existir terras sub-aproveitadas, nem a hesitar com caseiro e senhorio, agora eles

(Continua na pág. 4)

UDAs — Uniões Distritais de Agricultores

COMUNICADO

Em comunicados anteriores têm manifestado a profunda discordância com a política de preços para os produtores agrícolas seguido pelo Governo demitido do Eng.º Nobre da Costa.

Tal Governo tem pretendido pela via administrativa sufocar economicamente algumas das regiões agrícolas.

É caso flagrante o preço estipulado para os cereais, onde apesar de serviços técnicos oficiais terem apontado para os preços do trigo que andariam os 10\$00, antes da subida dos combustíveis sem qualquer explicação, o Ministério faz sair o preço de 8\$80 kg.

Caso semelhante é o que se vai passando com a batata, onde milhares e milhares de agricultores, sem qualquer ajuda oficial, vão entrando na faina sem que lhes seja garantido qualquer preço.

As UDAs protestam contra estas medidas de inoperância total, e de maqueavelismo político contra os agricultores, agora agravadas, pela recente medida da subida dos combustíveis.

Dizem os tecnocratas que a actual crise económica só pode ser superada pela recuperação do sector agrário.

Mas esses mesmos tecnocratas fazem, é sufocar o sector de modo a arruiná-lo com a sua política de preços.

As UDAs protestam contra tal política e bater-se-ão para que rapidamente o Governo bonifique, como em muitos países se faz, os combustíveis utilizados na agricultura.

Lisboa, 25 de Outubro de 1978

QUAL TERRA DÁ MAIS: CHORENTE, dos agricultores ou CARVALHAS, dos absentistas? (duas freguesias vizinhas)

Chorente é uma terra de pequenos e médios Agricultores com a predominância de terra própria, além de já auferirem grandes produções desenvolvem esforços para aumentarem ainda mais a produção agrícola, neste ritmo em dois ou três anos deve atingir aproximadamente o dobro sobretudo leite e vinho. Graças à terra própria os agricultores podem lançar planos de desenvolvimento e verem satisfeitos os seus desejos, com terra própria podem dispôr de um meio social avançado nomeadamente na construção de silos e associar-se na sua elaboração, usando meios colectivos sem a obstrução do senhorio designadamente salas de ordenha colectivas, tudo isto de iniciativa dos próprios. Assim vamos ver em números muito próximos, uma freguesia que é essencialmente de quem a trabalha.

Carvalhas — uma terra aonde o

absentismo domina territorialmente, perto de trezentos hectares são de três senhores, cento e vinte são de oitocentos habitantes entre eles 15 pequenos agrícolas têm 50 h. e dois médios. Com vinte hectares o restante pertence a população.

Com o predomínio de rendeiro, Carvalhas não consegue desenvolver a sua terra, o obstáculo absentista gora todas as iniciativas ainda com o agravante de teimar com a autoridade de ser com os bravios debruçados nos campos, o absentismo não só não investe na transformação dos bravios, e dos seus lavradores, como ainda prejudica os seus vizinhos com eucaliptos e velhas carvalheiras etc.

Nem actual, nem nos próximos anos Carvalhas com uma boa exposição para vinha vê assim morrerem as existentes, e o seu progresso ameaçado em todos os domínios.

A produção de Chorente, de cem pequenos e médios agricultores, com quatrocentos hectares de terra.

Sector vinícola em pleno aumento e capacidade para muito mais, produz à volta de 700 pipas de vinho de boa qualidade, dispõe de 3 alambiques de produção de bagaceira, que elaboram bagaço da colectividade, e quatro particulares, com duzentas e tal vacas e com uma produção de dois mil litros de leite diários.

No sector dos cereais a produção tem baixado devido ao preço dando lugar às forragens, mas dispõe ainda de duas morages, (pequenas).

As grandes produções de batata vão dando lugar às forragens.

Também produz muita madeira. Nas máquinas, com trinta tractores, individuais e muitas máquinas em sociedade dominadamente dois corta-forragens que serem quatro silos de forragens.

A produção das Carvalhas, com setenta vacas de leite, este sector vê a sua produção em quinhentos litros diários, não tem sala de ordenha colectiva, e só existe um projecto de construção de silos de forragens. No sector do vinho, cento e cinquenta pipas que produz não chegam para o seu abastecimento, não tem alambiques de gabaceira, nem moagens, visto produzir pouco cereal, batata

pouca e o restante também pouco. No sector do pinhal, e um pinhal velho e teimoso.

Vamos juntar os números:

Chorente:

4 salas de ordenha
250 vacas
2 000 litros de leite
700 pipas de vinho
7 alambiques
2 moagens
30 tractores
4 silos

Carvalhas:

0 salas de ordenha
70 vacas
500 litros de leite
150 pipas de vinho
0 alambiques
0 moagens
5 tractores
1 projecto para silos

Conselhos práticos

— Se quiser secar o leite às vacas, dê-lhe farinha centeia.

— Se a sua vaca não se levanta ao boi dê-lhe farinha de aveia.

— Se a sua vaca não se aberguar consulte o Veterinário, existem injeções próprias.

Jornalista do «Washington Post» entrevista Director de «A Voz do Lavrador»

(Continuado da página 3)

como estão no poder recorrem a empréstimos e importações, para se aguentarem o mais tempo possível sem se desfazerem das terras, mas isto custa-nos à volta de cinquenta milhões de contos, cada Português, paga cinco contos por ano, só para alimentar esta teimosia de um luxo degradante.

JORNALISTA — O MINISTÉRIO DA AGRICULTURA não presta, pois não?

LOUREIRO — Como lhe acabei de dizer mais atrás, os técnicos do MAP estão ao serviço do absentismo, isto é, davam receitas para jardins, mandam meter folhas doentes num envelope e mandá-las para lá. Davam empréstimos ao absentista do Sul em nome da Agricultura com juros baixos; eles faziam bairros com ele; eles não saem da cidade, os ministros é que se vão embora, eles ficam sempre a tirar e meter papeis das

gavetas, e as meninas a fazer croché. Digo isto, porque querem apresentar planos não aceitáveis para os agricultores e com a estrutura jurídica existente, isto é por um lado, os técnicos a trabalhar para a dimensão da propriedade, por outro lado a corrida é partilha da propriedade.

Jornalista — Tem vinho no lagar?

LOUREIRO — Tenho. Português e Americano, só que em Portugal... Americano é proibido, o Americano ficou espantado! provou, dizendo que tinha de conduzir.

— LOUREIRO — vinho verde legumes (americano e frutas) são produtos agrícolas que temos para enfrentar o Mercado Comum, se lá chegarmos. Nos Estados Unidos vende-se muito bem este vinho, em todo o mundo, não há vinho igual — disse Loureiro. — Terminou com uma hora de perguntas e respostas.

A VONTADE DA LAVOURA NÃO FOI ATENDIDA!

Em inúmeras reuniões de agricultores por todos os distritos do Norte, através de moções e abaixo-assinados dirigidos às entidades competentes, foram grandes as reclamações para que se mantivesse o preço dos adubos.

Manter o preço dos adubos exigia ao Estado uma despesa de mais um milhão de contos. Não poderia o Estado suportá-la? O que é um milhão de contos comparado com os 18 milhões que são gastos em divisas só para a compra de cereais ao estrangeiro? Com as consequências do aumento nos adubos não irá o Estado gastar ainda mais???

Podemos concluir que O ANTERIOR COMO O ACTUAL GOVERNO, MAIS UMA VEZ NÃO DERAM OUVIDOS ÀS RAZÕES DOS AGRICULTORES.

A Aliança das Ligas Agrícolas do Norte alerta desde já para que está a ser preparado NOVO AUMENTO NOS PESTICIDAS, a sair brevemente, na ordem dos 20%, que por exemplo elevará o preço do Antracol de 38\$00 para 45\$00.

APELAMOS A TODOS OS AGRICULTORES E SUAS ORGANIZAÇÕES:

— PARA MANIFESTAREM O SEU PROTESTO CONTRA

ESTE AUMENTO DOS ADUBOS;

— EXIGIREM PREÇOS DE GARANTIA ACTUALIZADOS PARA OS PRODUTOS AGRÍCOLAS;

— RECLAMAREM PARA QUE NÃO SEJAM AUMENTADOS OS PESTICIDAS!

A Voz do Lavrador

é um Jornal independente é nosso! é da Lavoura!

Director:

JOSÉ FERREIRA DA SILVA LOUREIRO

Redacção:

AVENIDA DA LIBERDADE, N.º 48-3.º
BARCELOS

Composto e Impresso na

COMPANHIA EDITORA DO MINHO
BARCELOS

Ex. 1.000 — Preço 6\$00